

A produção de glossários direcionados pelo corpus e orientados ao tradutor como metodologia de formação de tradutores

Stella E. O. Tagnin
(Universidade de São Paulo)

Resumo: A Linguística de Corpus tem demonstrado ser um instrumento valioso para a extração de candidatos a termos técnicos e fraseologias a partir de corpora (Bowker; Pearson, 2002). Trata-se de uma abordagem bastante inovadora, já que boa parte dos glossários existentes é baseada em obras similares anteriores. Embora haja muitos glossários no mercado, poucos foram elaborados para atender às necessidades do tradutor, cuja tarefa principal é a produção de um texto natural e fluente, seja na língua materna, seja na estrangeira. Por essa razão, uma simples lista de termos e seus equivalentes não lhe basta. Como produtor de texto, o tradutor precisa saber como uma palavra é usada, ou seja, como se associa a outras palavras (Firth, 1957). Além disso, a linguagem técnica não consiste apenas de termos monolexicais – expressões multipalavras também podem ter o *status* de termos e devem constituir entradas autônomas em obras de referência. A compilação de glossários tem sido abordada na disciplina de Tradução Técnica do Curso de Especialização em Tradução – *lato sensu* – da Universidade de São Paulo, incentivando os estudantes a participarem da construção de corpora especializados para a extração da terminologia relevante. Esse processo, observou-se a posteriori, constituiu-se no que Shreve (2006) denominou “prática deliberada”, o que, juntamente com *feedback* adequado por parte do professor, contribuiu para o desenvolvimento de técnicas de pesquisa e tradução, levando a um conhecimento especializado que os alunos poderão aplicar em qualquer área em que venham a atuar.

Palavras-chave: Linguística de Corpus; Formação de Tradutores; Terminologia; Glossários.

1 Introdução

A Linguística de Corpus, uma abordagem empírica aos estudos linguísticos (McEnery; Wilson, 1997), tem demonstrado ser um instrumento valioso para a extração de candidatos a termos técnicos e fraseologias a partir de corpora (Bowker; Pearson 2002). Trata-se de uma abordagem bastante inovadora, uma vez que boa parte dos glossá-

rios atuais é baseada em outros já existentes, ao passo que a terminologia baseada em *corpus* extrai todos seus dados de um *corpus* especializado compilado para esse fim específico.

Embora haja muitos glossários no mercado, poucos foram elaborados para atender às necessidades do tradutor, cuja tarefa principal é a produção de um texto natural e fluente, seja na língua materna, seja na estrangeira. Por essa razão, uma simples lista de termos e seus equivalentes não lhe basta. O produtor de texto precisa saber como uma palavra é usada, ou seja, como se associa a outras palavras (Firth 1957). Além disso, a linguagem técnica não consiste apenas de termos monolexicais – expressões multipalavras também podem ter o *status* de termos e devem constituir entradas autônomas em obras de referência, como seria o caso de *freshly ground black pepper* em um glossário de termos culinários.

A compilação de glossários direcionados por corpora tem sido o foco dos Cursos de Tradução da Universidade de São Paulo em diversas ocasiões quando os estudantes participaram de projetos para a construção de corpora especializados e a extração da terminologia relevante. Nesse processo, os estudantes adquiriram conhecimentos específicos, como: critérios para a construção de um *corpus* confiável, manipulação dos dados por meio de programas computacionais específicos, critérios para seleção de exemplos ilustrativos, técnicas para encontrar equivalentes e noções para a construção de verbetes apropriados. Essa metodologia produziu, no geral, bons trabalhos, alguns dos quais já publicados. Em termos de formação de tradutores, essa prática deliberada (Shreve, 2006), com *feedback* adequado por parte do professor, certamente contribuiu para o desenvolvimento de técnicas de pesquisa e tradução, levando a um conhecimento especializado que os alunos poderão aplicar em qualquer área em que venham a atuar.

O recurso a *corpora* em cursos de formação de tradutores já vem de mais de uma década (Maia, 1997, 2000; Tagnin, 2002), mas, como metodologia para a construção de glossários técnicos, data de 2001 sua introdução no Curso de Especialização em Tradução – *lato sensu* – na Universidade de São Paulo. Na disciplina Tradução Técnica, os alunos foram divididos em grupos temáticos e instruídos a construir um *corpus* comparável bilíngue inglês-português, ou seja, com textos originais daquela área nas duas línguas. A partir do *corpus*, extraíram os termos técnicos, seus equivalentes e exemplos em ambas as línguas. Os

glossários resultantes dessa atividade estão disponíveis no *site* do Citrat (Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia)¹.

Em 2005, foi proposto aos alunos construírem um glossário bilíngue nos moldes de uma série de vocabulários técnicos publicados por uma editora paulista. Cada grupo poderia escolher uma área, sendo que os melhores trabalhos poderiam ser submetidos à referida editora para eventual publicação. De fato, um deles foi publicado em 2007², e outro, sobre moda tinha previsão para publicação em 2010.

Em 2008, em um curso de Difusão Cultural³, a sugestão foi a classe toda engajar-se em um só projeto coletivo para a construção de um glossário da área de fotografia. Divididos em seis grupos, cada um deveria construir um corpus bilíngue de uma das seguintes áreas: história da fotografia, luz, câmeras, estúdio, conservação e fotografia digital. Nem todos os grupos apresentaram trabalhos de qualidade, mas alguns alunos resolveram assumir o projeto todo, inclusive refazendo o que era necessário. O material final foi inclusive entregue a uma editora.

Nas duas ocasiões, 2005 e 2008, os alunos receberam noções básicas de Linguística de Corpus, desde critérios para a construção de *corpora* até métodos de extração de equivalentes. No decorrer do curso, os grupos apresentavam seus resultados parciais e suas dúvidas eram discutidas entre todos os participantes. Os trabalhos finais foram avaliados pela docente e devolvidos aos grupos para eventuais correções, ajustes ou complementação.

2 Que tipo de glossário?

A primeira questão que se colocou foi definir o tipo de glossário que deveria ser compilado. Gomez e Vargas (2004) já afirmaram que os “materiais terminológicos deveriam auxiliar o tradutor nas tomadas de decisão a que está sujeito em sua prática diária”. Nota-se, no entanto, que grande parte do material disponível no mercado não atende a esse requisito, pois restringe-se, muitas vezes, a meramente elencar termos monolexicais e seus correspondentes na língua de chegada, sem oferecer exemplos ou outras informações linguísticas que possam auxiliar o

¹ Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/citrat/citrat.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2010.

² PERROTTI-GARCIA, A. J.; REBECHI, R. R. *Vocabulário para química, português/inglês – inglês/português*. São Paulo: SBS, 2007.

³ O Curso de Especialização em Tradução – *lato sensu* – foi extinto em 2005. Algumas disciplinas passaram a ser oferecidas como cursos de Difusão Cultural. Foi o que ocorreu com a de Tradução Técnica no primeiro semestre de 2008.

tradutor a criar um texto natural (Sinclair, 1984). Dessa forma, fazia-se necessário criar um modelo de glossário que atendesse às necessidades do tradutor. Nesse sentido, Krieger e Finatto (2004) preconizam que “cabe à Terminologia, com o auxílio dos próprios tradutores, criar novas metodologias para a produção de materiais que sirvam de fonte de consulta confiável para esses profissionais”. Vejamos, então, quais são as necessidades do tradutor para que se possa produzir esses materiais confiáveis.

3 Necessidades do tradutor

Quando se reflete sobre as necessidades do tradutor, pensa-se imediatamente que ele precisa de equivalentes, o que não deixa de ser correto. No entanto, considerando que esse profissional é, antes de tudo, um produtor de textos e que seu objetivo é produzir um texto natural, ele precisa de exemplos que contextualizem o vocábulo, assim como de informações sobre os padrões linguísticos e textuais em que esse vocábulo ocorre, ou seja, o tradutor precisa conhecer as colocações e eventuais fraseologias daquele item lexical. Caso o termo que o tradutor busque não tenha um correspondente na língua de chegada, ele precisa de outras possibilidades de tradução ou mesmo de sugestões de adaptação. Para isso, muitas vezes precisa de informações culturais que o auxiliem na escolha de possíveis adaptações. Tomemos como exemplo a culinária para ilustrar essas possibilidades. Se o tradutor precisar traduzir “1 large onion, finely chopped”, o material deve trazer a informação de que as melhores opções de tradução são “1 cebola grande bem picada / picadinha”, uma vez que, em português, não é usual o emprego do advérbio “finamente” nesse contexto; o mais comum é o advérbio “bem”, podendo também ocorrer o adjetivo no grau diminutivo. No caso de “finely grated parmesan cheese”, o glossário deve explicar que a tradução corrente é simplesmente “queijo parmesão ralado”, uma vez que no Brasil o queijo ralado costuma ser “ralado fino”; a textura é apenas especificada quando o queijo deve ser “ralado grosso”. O problema cultural torna-se ainda mais evidente quando o tradutor depara com o termo “buttermilk”. Embora a língua portuguesa tenha um termo correspondente, “leitelho”, esse não é usado, principalmente por não termos esse produto em nosso país. Dessa forma, o glossário pode acrescentar uma nota explicativa e sugerir, no caso de o

termo ocorrer em uma receita, “a substituição por uma mistura em partes iguais de leite e iogurte natural”⁴.

Obter todas essas informações para incluí-las na obra de referência não é tarefa fácil, mas a Linguística de Corpus tem sido de grande valia nesse aspecto, o que tentaremos demonstrar na próxima seção.

4 A Linguística de Corpus

A Linguística de Corpus é uma abordagem empírica que parte da observação de um grande número de textos. Esses textos, sempre autênticos, constituem os *corpora*, que podem ser investigados por meio de programas computacionais específicos que produzem linhas de concordância (cf. Figura 1). A observação dessas linhas possibilita a identificação de padrões recorrentes, de termos e fraseologias.

1	está na posição centralizada.) É exibida	uma imagem ampliada.	7Pressione o
2	Á e, em seguida, carregue em•. 1 Para ver uma	imagem ampliada (zoom de	
3	ando os itens de regulação Corte: Girando uma	imagem ampliada Utilizando a	
4	ne [Sair] e depois pressione•. QPara ver uma	imagem ampliada (zoom de	
5	está na posição centralizada.) É exibida	uma imagem ampliada.	7Pressione o
6	a 22 do Manual da Cyber-shot.) 1 Para ver uma	imagem ampliada (zoom de	
7	ne [Sair] e depois pressione•. QPara ver uma	imagem ampliada (zoom de	
9	imagem vista através do visor e o tamanho da	imagem captada pelas lentes	
9	visualizar, editar. modificar ou imprimir	uma imagem captada no modo Adobe	
10	de pixels). Quando se intenciona imprimir	uma imagem captada por uma	
11	ls, que são poucos, não afetam a qualidade da	imagem capturada. Além disso,	
12	antástica, porém nada se compara a tratar	uma imagem capturada com	
13	sde há algum tempo trabalhamos digitalmente	a imagem capturada em película	
14	ls, que são poucos, não afetam a qualidade da	imagem capturada. Além disso,	
15	lidade da câmera para uma nova foto porque	a imagem capturada primeiro	

Figura 1: Seleção de linhas de concordância para “imagem”, ordenadas pela primeira palavra à direita

Nas linhas de concordância acima, nota-se a recorrência de três colocações: “imagem ampliada”, “imagem captada” e “imagem capturada”, o que pode sinalizar tratarem-se de termos. Além disso, o fato de “imagem capturada” ocorrer cinco vezes, enquanto “imagem captada” só ocorre três vezes, indica que a primeira é, provavelmente, mais comum e uma escolha mais “natural”. É importante salientar que a Linguística de Corpus considera a linguagem um sistema probabilístico,

⁴ TEIXEIRA, E. D.; TAGNIN, S. E. O. *Vocabulário para culinária inglês/português*. São Paulo: SBS, 2008.

ou seja, observa os padrões que têm maior probabilidade de ocorrer na língua, em detrimento daqueles que são apenas gramaticalmente possíveis. Assim, se o tradutor buscar produzir um texto natural, deverá privilegiar os termos mais prováveis de ocorrer.

5 A compilação de glossários

Valendo-se da Linguística de Corpus, há duas formas de se construir glossários: empregando-a como metodologia ou como abordagem. No primeiro caso, dizemos tratar-se de terminologia **baseada** em corpus; no segundo, de terminologia **direcionada** pelo corpus.

5.1 Terminologia baseada em corpus

Dizemos que uma obra terminológica é baseada em corpus quando a Linguística de Corpus é usada como metodologia. Nesse caso, a seleção dos textos que comporão os corpora recai em textos ricos em contextos definitórios para embasar a construção das definições que farão parte do verbete. Além disso, parte-se, em geral, de uma lista de substantivos e, mais recentemente, verbos, derivados de um mapa conceitual da área em estudo, mapa esse que apresenta a estruturação dessa área, ou seja, identifica suas várias subáreas. Dessa forma, faz-se um recorte para o glossário a ser compilado. Para os vocábulos dessa lista, então, extraem-se definições e exemplos dos *corpora*. Basicamente, apenas *termos* e fraseologias que contenham *termos* comporão as entradas de uma obra terminológica elaborada segundo esses princípios.

5.2 Tecnologia direcionada pelo corpus

Nesse caso, dizemos que a Linguística de Corpus é empregada como abordagem. Inicialmente, os corpora são constituídos com os textos mais usados pelos especialistas, quer contenham ou não contextos definitórios. Desses corpora extrai-se uma lista de palavras (WordList), que apresenta todos os vocábulos do corpus com suas respectivas frequências (cf. Figura 2).

N	Word	Freq.		%	Texts	%
1	#	47,786	8.51	1,633	99.15	
2	DE	44,245	7.88	1,647	100.0	
3	E	23,664	4.21	1,630	98.97	
4	O	17,888	3.19	1,530	92.90	
5	A	16,202	2.89	1,514	91.92	
6	COM	11,088	1.97	1,510	91.68	
7	EM	9,590	1.71	1,485	90.16	
8	POR	5,757	1.03	1,100	66.79	
9	SOPA	5,185	0.92	1,170	71.04	
10	SAL	4,912	0.87	1,110	67.40	
11	OS	4,839	0.86	1,115	67.70	
12	AS	4,614	0.82	1,017	61.75	
13	ATÉ	4,563	0.81	959	58.23	
14	XÍCARA	4,257	0.76	558	33.88	
15	DO	4,220	0.75	038	63.02	
16	UMA	4,220	0.75	997	60.53	
17	CHÁ	3,968	0.71	953	57.86	
18	PARA	3,885	0.69	1,030	62.54	
19	INGREDIENTES	3,556	0.63	1,621	98.42	
20	PREPARO	3,495	0.62	1,585	96.24	
21	MINUTOS	3,321	0.59	894	54.28	
22	UM	3,199	0.57	937	56.89	
23	COLHER	3,124	0.56	730	44.32	
24	MANTEIGA	3,104	0.55	593	36.00	
25	DEIXE	2,965	0.53	927	56.28	

Figura 2: Lista de Frequência – 25 palavras mais frequentes de um corpus de culinária

É interessante notar que a maioria dos itens lexicais mais frequentes são palavras gramaticais; a primeira palavra de conteúdo aparece na nona posição (“sopa”) e já dá uma indicação do campo que o *corpus* abrange.

A fim de se estabelecer quais desses vocábulos são “típicos” da área em estudo, essa lista de frequência é comparada a outra de um *corpus* três a cinco vezes maior e formado por textos de língua geral, denominado *corpus* de referência. Dessa comparação resulta uma lista de palavras-chave (KeyWords) (cf. Figura 3), que são os vocábulos que apresentam uma frequência relativa não usual em relação ao *corpus* de referência, ou seja, os vocábulos ocorrem com uma frequência significativamente maior no *corpus* que está sendo estudado do que no de referência. Essas palavras-chave podem constituir possíveis “candidatos a termos”.

N	Key word	Freq.	%	RC. Freq.
1	#	47,786	8.51	115,721
2	SOPA	5,185	0.92	12
3	SAL	4,912	0.87	41
4	XÍCARA	4,257	0.76	8
5	CHÁ	3,968	0.71	32
6	INGREDIENTES	3,556	0.63	63
7	PREPARO	3,495	0.62	54
8	MANTEIGA	3,104	0.55	11
9	COLHER	3,124	0.56	36
10	MINUTOS	3,321	0.59	313
11	DEIXE	2,965	0.53	56
12	PIMENTA	2,760	0.49	68
13	COLHERES	2,611	0.47	0
14	MOLHO	2,650	0.47	30
15	COLOQUE	2,636	0.47	30
16	FOGO	2,826	0.50	192
17	MISTURE	2,522	0.45	3
18	JUNTE	2,530	0.45	8
19	FARINHA	2,318	0.41	26
20	LEITE	2,623	0.47	327
21	AÇÚCAR	2,415	0.43	180
22	G	2,708	0.48	581
23	ÁGUA	2,836	0.51	784
24	ALHO	1,972	0.35	4
25	AZEITE	1,934	0.34	8

Figura 3: Primeiras 25 palavras-chave de um corpus de culinária

A partir dessa lista de palavras-chave, inteiramente extraída do corpus, cada ocorrência será analisada em relação ao seu contexto a fim de identificar possíveis colocações e fraseologias.

123	o de grelhados. Boa fonte de vitaminas A e C. Sopa de rúcula
124	o branco com dobradinha, feijão no cassoulet. Sopa de feijão,
125	ozinha Brasileira, Caseira, Prática Categoria Sopa, Prato
126	de bacon cortado em tiras 1 xícara de cebola (sopa) de azeite 1/2
127	onas picadas 1/3 xíc. (chá) de pinoli 1 col. (sopa) de uvas
128	daços de 2 cm 30 g de nozes quebradas 1 col. (sopa) de salsa
129	col. (sopa) de creme de leite fresco 1 col. (sopa) de cebolinha
130	2 xíc. (chá) de creme de leite fresco 1 col. (sopa) de salsinha
131	sado 2 col. (sopa) de chocolate em pó 1 col. (sopa) de manteiga
132	de fígado de galinha 5 pitadas de sal 1 col. (sopa) de bacon
133	pa) de salsa picada 150 g de maionese 1 col. (sopa) de suco de
134	es sem sementes, em quadrados de 2 cm 1 col. (sopa) de curry suco

Figura 4: Seleção de linhas de concordância para “sopa”

As linhas de concordância da Figura 4 evidenciam que “sopa” não se refere necessariamente a um preparado (“sopa de rúcula”, “sopa de feijão”), mas, com muito maior frequência, à medida representada pela “colher de sopa”.

Na Figura 5 abaixo, podemos observar várias colocações e fraseologias que se repetem para a palavra “sal”:

1	ordurado 1 xícara (chá) de salsinha picada sal a gosto 1. Coloque o
2	m quando com uma colher de pau. Temperar com sal. Montagem Cozinhar os
3	150 g de açúcar 1 ovo inteiro 1 pitada de sal Caldo de meio limão
4	e de bolacha maisena 150 g de manteiga sem sal 40 g de chocolate em pó
5	eijo parmesão ralado, as gemas e tempere com sal e pimenta. Mexa bem e
6	a mostarda. Prove e, se necessário, adicione sal a gosto. Depois, vá
7	to. Coloque-as por alguns minutos em água e sal, como se faz com as
8	(chá) de casca de limão ralada 1 pitada de sal Modo de preparo Mistur
9	e para dissolver bem a farinha. Tempere com sal e pimenta-do-reino.
10	s e cubra-as com a mozzarella. Polvilhe-as com sal e pimenta e depois
11	Ingredientes Massa 200 g de manteiga sem sal 200 g de açúcar 4 ovos
12	verde com folhas de louro 1 cenoura ralada Sal a gosto 2 colheres
13	r e misture o ovo e a manteiga. Tempere com sal a gosto. Faça bolinhas
14	cebola grande cortada em quatro 1 pitada de sal Para pincelar 1 colher
15	dentes de alho picados 1 folha de louro Sal e pimenta-do-reino a
16	picado 300 g de camarão limpo e sem casca Sal e pimenta-do-reino a
17	as: 297 por porção Ingredientes 3 kg de sal grosso 1 vermelho de 2
18	é obter uma mistura homogênea. Tempere com o sal. 2. Distribua o molho
19	sementes picados 1 cebola grande picada Sal e pimenta-do-reino a
20	s (sopa) de água, a salsa, o creme de leite, sal e pimenta. Cozinhe em
21	salsa, o alecrim, o alho, a cebola, o louro, sal e pimenta. Cubra
22	r 30 minutos, até reduzir um pouco. Acerte o sal, a pimenta e um pouc
23	mais lisa, passe por uma peneira). Acerte o sal e a pimenta. Divida a
24	los evapore e eles fiquem dourados. Acerte o sal, adicione pimenta a
25	e búfala e uma folha de manjeriço. Polvilhe sal e pimenta. Dobre as

Figura 5: Seleção de linhas de concordância para “sal”

Como exemplo, citam-se “sal a gosto”, “pitada de sal”, “manteiga sem sal”, “Tempere com sal e pimenta”, “Tempere com sal (e pimenta-do-reino)”, “sal e pimenta-do-reino” e “Acerte o sal”. Em uma obra terminológica direcionada pelo corpus, todas essas fraseologias constarão de sua nomenclatura, acompanhadas dos respectivos exemplos extraídos das concordâncias.

5.3 A formação dos tradutores

Retomemos aqui a sequência das atividades que levaram à elaboração final de um glossário.

1. Os alunos tiveram três aulas introdutórias sobre Linguística de Corpus, com especial ênfase nas etapas de construção de um corpus especializado:

- a. busca de textos, de preferência, na Internet, para evitar que tenham de ser escaneados;
 - b. limpeza dos textos, eliminando gráficos, tabelas, ilustrações e quaisquer outros elementos que não sejam estritamente linguísticos;
 - c. gravação dos textos em formato texto (.txt); e
 - d. inclusão de um cabeçalho com dados metatextuais como: título do texto, local de publicação, área, subárea etc.
2. Em seguida foram instruídos quanto ao uso da ferramenta para a exploração do corpus, o WordSmith Tools (Scott, 2007), para extrair:
- a. listas de frequência (WordLists);
 - b. listas de palavras-chave (Keywords), que seriam consideradas candidatas a termos;
 - c. concordâncias para:
 - atestar se, de fato, as candidatas a termos se configuram como tal; e
 - extrair colocações e fraseologias;
3. Na etapa seguinte, foram apresentadas diversas estratégias para identificar possíveis equivalentes dos termos já estabelecidos, dentre as quais:
- a. comparar as listas de palavras-chave nas duas línguas (cf. Figura 6 na página a seguir).

A partir dessa comparação, são geradas concordâncias para os termos considerados tradução *prima facie* (literal), os quais serão considerados equivalentes se o *corpus* atestar serem empregados em contextos similares. Nos casos em que não houver uma tradução *prima facie*, a busca se dará pelos colocados ou pelo contexto (Tagnin, 2007). Por exemplo, se quisermos descobrir o equivalente de *finely* – o advérbio de maior frequência no corpus de culinária em inglês –, verificaremos que não seria “finamente”, pois esse advérbio, no corpus em português, tem uma frequência muito baixa. Assim, podemos fazer uma busca por um de seus colocados, *chopped*, que significa “picado”. As linhas de concordância evidenciarão que o advérbio que mais co-ocorre com “picado” é “bem”, produzindo a colocação “bem picado”. As concordâncias ainda mostram que outra forma frequente é “bem picadinho” (cf. Figura 7).

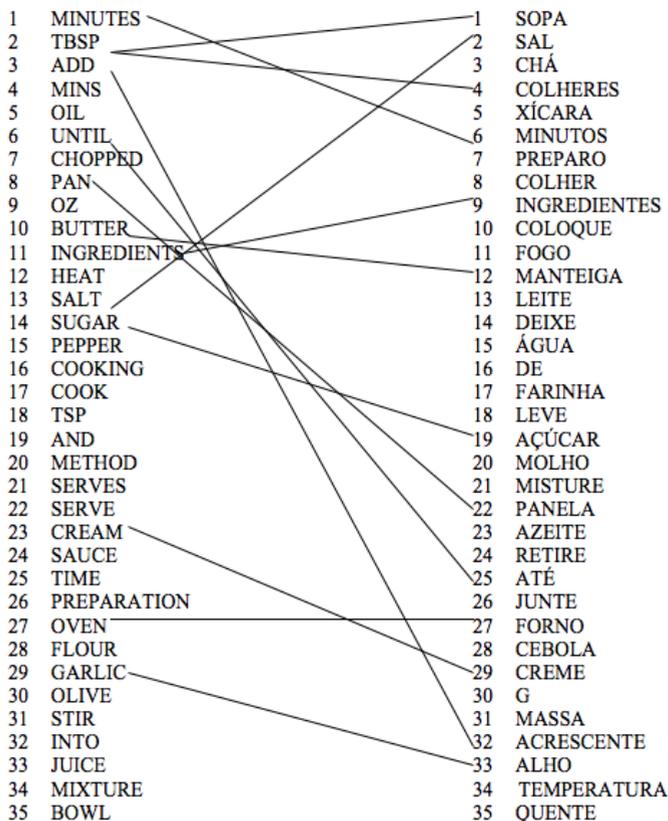


Figura 6: Comparação das palavras-chave em inglês e em português, indicando algumas possíveis equivalências

2 cebolas médias **bem picadas**
 ½ dente de alho **bem picado**
 junte os tomates pelados **bem picados**
 Calabresa **picadinha**
 100 g de bacon **picadinho**
 2 dentes de alho **picadinhos**
 Polvilhar salsa **bem picadinha**

Figura 7: Seleção de algumas linhas de concordância geradas pelo WordSmith Tools para *picad**, ordenadas pela primeira palavra à esquerda

Se, ainda assim, não for possível chegar a um equivalente, talvez mesmo por não o haver na língua de chegada, há a possibilidade de se sugerir uma adaptação ou mesmo inserir uma nota de tradução. Por se tratar de um corpus comparável, com textos originais em ambas as línguas, essas informações podem ser extraídas do próprio corpus.

Ao final desse processo, os alunos elaboraram o glossário bilíngue, que foi revisto pela docente e devolvido com comentários e sugestões. Apenas a versão final foi avaliada. O glossário de um dos grupos sobressaiu-se, enquanto outros eram bons e um deles bastante fraco. Como havia a sugestão inicial de os melhores trabalhos serem submetidos à editora, surgiu um impasse, uma vez que apenas um deles atendia a esse requisito. Por outro lado, como todos eles eram complementares, submeter apenas um deles não resultaria em um produto satisfatório. Assim, os interessados reuniram-se com a docente para tomar uma decisão, que foi a de juntar todos os trabalhos em um só, inclusive refazendo o que fosse necessário. Essa tarefa foi abraçada por um pequeno grupo, mas, ao fim de vários meses, o glossário foi encaminhado à editora. No momento em que este artigo está sendo redigido, o glossário está nas mãos de um revisor técnico.

Esse percurso, embora não seguisse – pelo menos conscientemente – qualquer teoria de aprendizado, provou estar de acordo com a noção de “prática deliberada”, proposta por Shreve (2006), como veremos na próxima seção.

6 A teoria da “prática deliberada”

Segundo Ericsson (1996, p. 21), a motivação depende do treinamento em uma tarefa bem definida e de dificuldade apropriada. Cumprida a tarefa, o treinamento deve ser complementado por *feedback*. Deve haver oportunidade de corrigir ou refazer a tarefa. Daqui surge o conceito de “prática deliberada” (Ericsson, 1993, 2002; Shreve, 2006), que consiste em tarefas regulares para melhorar o desempenho em uma área específica.

Se analisarmos o projeto descrito acima, podemos observar que se tratou de uma tarefa bem definida: a construção de um glossário para uma área específica. Para tornar a tarefa motivadora, aventou-se a possibilidade de publicação, dependendo da qualidade do produto final. Os alunos receberam um *feedback* da docente na forma de comentários e correções em seus trabalhos e foi lhes dada a oportunidade de fazer as correções devidas ou refazer o que fosse necessário. Dessa forma,

podemos afirmar ter-se configurado como uma “prática deliberada”, embora a docente não tivesse conhecimento dessa teoria quando da proposta da tarefa.

Mesmo que nem todos os alunos tenham entregado um trabalho “publicável”, a metodologia ofereceu-lhes ampla oportunidade de se familiarizar com os preceitos da Linguística de Corpus, aplicando-os a uma terminologia direcionada pelo corpus, produzindo, dessa forma, um glossário com a linguagem efetivamente empregada naquela área. Os futuros tradutores poderão aplicar esses conhecimentos em qualquer campo em que venham a trabalhar e mesmo os que já tenham conhecimento em alguma área certamente se beneficiarão da experiência adquirida.

Considerações finais

Neste artigo, pretendemos demonstrar como uma tarefa real e bem estruturada pode contribuir para a formação de tradutores. O projeto descrito ocorreu no ano de 2008, mas outro, similar, teve lugar em 2005, gerando um glossário de química (Rebechi; Perrotti-Garcia, 2007). Os depoimentos das autoras corroboram a validade desse tipo de tarefa. Diz uma delas, “[n]ão conhecia nada sobre química [de modo que] era mais difícil selecionar os textos realmente significativos para o trabalho, portanto alguns tiveram que ser descartados posteriormente”, o que confirma a dificuldade da tarefa. A outra autora, com formação em odontologia e conhecimentos de química, confirmou a eficácia da Linguística de Corpus na execução da tarefa: “o processo realmente funcionou, e [...] o uso de corpus pode superar as dificuldades inerentes de se trabalhar com uma área que conhecemos, mas na qual não somos especialistas”. Para finalizar, a revisora do material, tradutora e engenheira química, salientou que “jamais conseguiria ter coletado os termos como [o fizeram]”. Essa afirmação corrobora o recurso à Linguística de Corpus como *abordagem* na compilação de glossários.

Em resumo, acreditamos que a produção de glossários direcionados pelo corpus e orientados ao tradutor provou ser uma metodologia positiva para a formação de tradutores, tanto pela eficácia da Linguística de Corpus na compilação de um glossário técnico quanto da tarefa proposta para a formação do tradutor. Em outras palavras, “[a] sequência das tarefas aqui apresentadas, desde que cuidadosamente elaboradas e seguidas, proporciona uma experiência autêntica ao aprendiz,

permitindo-lhe aplicar esse conhecimento procedimental a qualquer outra área em que venha a trabalhar” (Alves & Tagnin, ms).

Referências bibliográficas

ALVES, F.; TAGNIN, S. E. O. *Corpora e ensino de tradução: o papel do automonitoramento e da conscientização cognitivo-discursiva no processo de aprendizagem de tradutores novatos* (MS - título provisório).

BOWKER, L.; PEARSON, J. *Working with specialized language: a practical guide to using corpora*. Londres: Routledge, 2002. p. 165-176.

ERICSSON, K. A. Expertise in interpreting: an expert-performance perspective. *Interpreting*, n. 5-2, p.187-220, 2002.

ERICSSON, K. A. *The road to excellence: the acquisition of expert performance in arts and sciences, sports and games*. Mahwah: Erlbaum, 1996.

FIRTH, J. R. *Papers in Linguistics 1934–1951*. Londres: OUP, 1957.

GÓMEZ, A.; VARGAS, C. Aspectos metodológicos para la elaboración de diccionarios especializados bilingües destinados al traductor. *Las palabras del traductor*, v. 1, p. 365-398, 2004.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

MAIA, B. Do-it-yourself corpora ... with a little bit of help from your friends!. In: LEWANDOWSKA-TOMASZCZYK, B.; MELIA, P. J. (Ed.). *PALC '97 Practical Applications in Language Corpora*. Lodz: Lodz University Press, 1997. p. 403-410. Disponível em: <<http://web.lettras.up.pt/bhsmmaia/belinda/pubs/PALC-1997.DOC>>. Acesso em: 20 dez. 2010.

MAIA, B., Making corpora – a learning process. In: BERNARDINI, S.; ZANETTIN, F. (Ed.). *I corpora nella didattica della traduzione*. Bolonha: CLUEB, 2000. p. 47-60. Disponível em: <<http://www.sslmit.unibo.it/cultpaps>>. Acesso em: 10 dez. 2010.

MCENERY, T.; WILSON, A. *Corpus Linguistics*. Edinburgh: EUP, 1997.

PERROTTI-GARCIA, A.J. & REBECHI, R. R.. *Vocabulário para química – português/inglês – inglês/português*. São Paulo: SBS, 2007.

SCOTT, M. *WordSmith Tools*. Oxford: OUP, 2007.

SHREVE, G. The deliberate practice: translation and expertise. *Journal of Translation Studies*, v. 9, n. 1, p. 27-42, 2006.

SINCLAIR, J. Naturalness in Language. In: AARTS, J.; MEIJS, W. (Ed.). *Corpus Linguistics*. Amsterdã: Rodopi, 1984.

TAGNIN, S. E. O. Os *corpora*: instrumentos de autoajuda para o tradutor. *Cadernos de Tradução*, n. 9, p. 191-219, 1º semestre 2002.

TAGNIN, S.E.O. *O jeito que a gente diz*. São Paulo: Disal, 2005.

TAGNIN, S. E. O. A identificação de equivalentes tradutórios em corpora comparáveis. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRAPUI, 1., Belo Horizonte, 3-6 jun. 2007. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2007. CD-ROM. Disponível em: <www.fflch.usp.br/dlm/comet>. Acesso em: 20 dez. 2010.